



Raul Drewnick

UM INIMIGO EM CADA ESQUINA



Serie Vaga-Lume

ea
editora ática

Este livro apresenta o mesmo texto das edições anteriores

Um inimigo em cada esquina

© Raul Drewnick, 1994

Editor	Fernando Paixão
Assessora editorial	Carmen Lucia Campos
Preparadora	Lizete Machado Zan
Coordenadora de revisão	Ivany Picasso Batista
Revisora	Cátia de Almeida

ARTE

Editor	Ary A. Normanha
Ilustrações	Daniel Munhoz
Editoração eletrônica	Antonio U. Domienico

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

D832i
6.ed.

Drewnick, Raul, 1938-

Um inimigo em cada esquina / Raul Drewnick ; ilustrações

Daniel Munhoz. - 6.ed. - São Paulo : Ática, 2000.

96p. : il. - (Vaga-Lume)

Contém suplemento de leitura

ISBN 978-85-08-04649-2

I. Literatura infantojuvenil brasileira. I. Munhoz, Daniel.
II. Título. III. Série.

10-2520.

CDD: 028.5

CDU: 087.5

ISBN 978 85 08 04649-2 (aluno)

CL: 731388

CAE: 232234

2018

6ª edição

18ª impressão

Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática S.A.

Avenida das Nações Unidas, 7221 – CEP 05425-902 – São Paulo, SP

Atendimento ao cliente: 4003-3061 – atendimento@aticascipione.com.br

www.aticascipione.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



A ESPERANÇA DE SER FELIZ

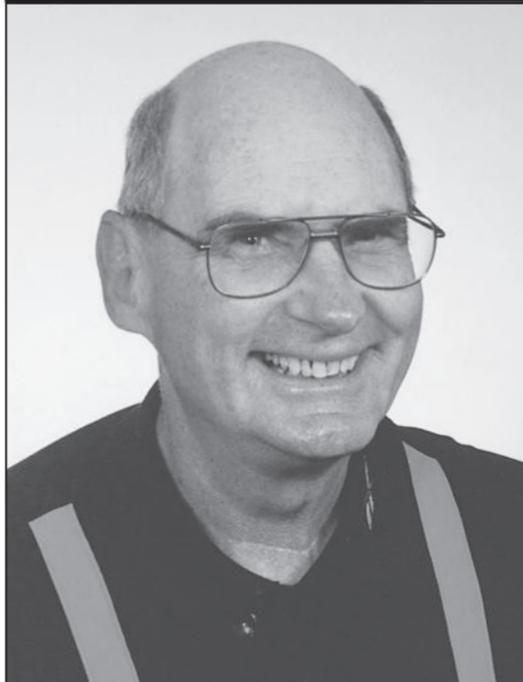
B

ifinho, Sujinho, Simpa e Gorducho fugiram de casa e agora perambulam pelas ruas do centro de São Paulo à procura de uma vida mais feliz. Será que esse sonho pode virar realidade?

Para sobreviver, os garotos cometem pequenos furtos, às vezes se metem em confusões, e sempre acabam encontrando um inimigo em cada esquina. Mas, com amizade e união, eles conseguem enfrentar a dureza do dia a dia, sem deixar de lado a ternura e o bom humor.

Você com certeza vai se emocionar com a história desses quatro amigos que descobrem em meio à violência das ruas a solidariedade e a esperança de ser feliz.

CONHECENDO RAUL DREWNICK



Escrever histórias a partir dos pequenos e grandes detalhes que

observa a sua volta é o que Raul Drewnick mais gosta de fazer. E isso ele vem fazendo há muito tempo como cronista de revistas e jornais. Foi essa experiência que ele usou para criar este seu primeiro livro para o público juvenil.

Raul nasceu em São Paulo em 1938 e já na infância morria de vontade de inventar histórias empolgantes como aquelas de Monteiro Lobato que ele lia com tanto prazer. Fanático por futebol, pensou ainda em ser jogador profissional, mas acabou mesmo sendo um grande escritor.

S U M Á R I O

1. No meio do caminho havia uma bola	9
2. Aqui também eu não posso ficar	13
3. Um menino chamado Sujinho	15
4. O menino feio desembarca na Sé	20
5. Aquela menina está olhando para você	25
6. Parece que está chegando mais um para a turma	29
7. Um papo gostoso depois do susto	33
8. Nada melhor do que uma boa zoada	37
9. Tudo para ouvir uma conversa	39
10. Por essa Bigode não esperava	44
11. Trombadinhas de cinco paus a dúzia	47
12. Socos, pontapés e uma vitrine quebrada	51
13. Todos têm medo dos garotos de rua	55
14. Quem ajuda o próximo tem Deus no coração	57
15. Pode ser má uma mulher assim?	61
16. Janice procura o filho desesperadamente	64
17. Como era Janice, treze anos antes	67
18. Malditos sejam os meninos de rua	69
19. Como era Bigode ao entrar na polícia	72
20. Os três encapuzados atacam de madrugada	74
21. Fazer alguma coisa, antes que seja tarde	78
22. Este presente é para o meu filho	79
23. O que é que você está fazendo aqui?	81
24. Ah, meu menino, o que fizeram com você?	84
25. Meu Deus, o que eu fiz da minha vida?	85
26. Perdão talvez, mas amor nunca mais	87
27. Pode ser, afinal, uma noite feliz	89

Paul Druvnick

**UM INIMIGO
EM CADA ESQUINA**



1 ■ NO MEIO DO CAMINHO HAVIA UMA BOLA

Duda saiu da padaria assobiando. Cada nota que soprava ia formando uma fumacinha em volta dos seus lábios. Não tinha motivo para estar feliz, mas sentia-se quase alegre naquela manhã gelada de setembro. As pessoas passavam reclamando:

- Droga de tempo! Está parecendo até inverno...
- O que você quer? São Paulo é assim mesmo.
- É verdade. Ô cidade maluca. Até o tempo é doido!

Duda poderia assobiar com mais entusiasmo ainda, se não estivesse descalço, se sua roupa não fosse tão fininha, se pelo menos pudesse pôr as mãos nos bolsos. Mas elas estavam ocupadas com uma garrafa e o pacote de pãezinhos. Eram seis — um para ele, outro para a mãe, outro para o padrasto, mais um para cada um dos seus famintos irmãozinhos.

Talvez por isso estivesse assobiando. Porque não era toda manhã que o mandavam buscar pão. O que a mãe ganhava fazendo faxina na vizinhança ou preparando docinhos para festas mal dava para o feijão e para o arroz. Isso quando o padrasto, que seria pedreiro se não vivesse bebendo, não revirava todo o barraco, procurando dinheiro.

Na véspera, a mãe tinha vendido algumas dúzias de quindins e brigadeiros. Por isso, além do pacote de pãezinhos, Duda levava, na outra mão, uma garrafa de aguardente. Naquele dia o padrasto não iria precisar fuçar em armários, mexer em gavetas, escarafunchar cada canto. Sua bebedeira estava garantida.

Mas os três irmãozinhos, esses iam reclamar, Duda tinha certeza. A fome deles só não era maior do que a sujeira. Não era à toa que tinham ficado conhecidos no bairro como os Três Porquinhos. Sempre sujos e sempre atrás de comida. Ele já imaginava a decepção de cada um, a cara de tristeza que fariam:

— Só um pãozinho pra mim? Que droga! — ia dizer Márcio, de sete anos, ia repetir Mário, de seis, ia confirmar Marcos, de cinco.

Antecipando a cena, ele pensou se não seria melhor comer logo o pão que lhe cabia, para evitar o olho comprido dos Três Porquinhos. Sempre assobiando, apressou o passo para espantar o frio.

Um homem que o conhecia olhou para ele, com pena. Ainda era um menino saudável, bonito até. Mas durante quanto tempo conservaria

o brilho dos olhos azuis, o rosto franco, os bons dentes que o sorriso mostrava? O padrasto e a miséria logo iam fazer dele um rapaz amargo, sombrio, ressentido. Abanando a cabeça, o homem resmungou:

— Não tem jeito. As crianças são o pior drama do Brasil.

Quando Duda estava quase dobrando a esquina da sua casa, viu de repente, saltitante como um coelho, a bela bola branca. Vinha descendo a ladeira, na direção dele. Bateu num latão de lixo, rodopiou, perdeu um pouco o impulso, pareceu indecisa, mas retomou o rumo, ladeira abaixo.

Vinha de novo muito veloz e ia passar se ele, com habilidade, não a brecasse com o pé. Empolgado com o lance, Duda estava imaginando se um jogador profissional conseguiria parar assim aquela doida desembestada, quando ouviu:

— Chuta. Manda pra mim. Dá uma bicuda nela.

Olhando para cima, viu o garoto ruivo que morava num dos sobradinhos novos do alto da rua.

— Chuta. Manda pra cá — o menino insistiu.

Para a bola chegar até onde o ruivinho estava, o chute precisava ser bem-dado. Coisa de craque de seleção. Duda se concentrou, avaliou outra vez a distância e fez o que o garoto pedia: pumba, mandou um bico. Nem Pelé faria melhor. Um chute! Retinha, certinha, obediente, a bola subiu e foi parar bem no pé do menino, que aplaudiu e a chutou de novo para baixo:

— Ai! Beleza! Você é bom!

Ficaram naquilo, trocando passes um com o outro, com categoria, até que o ruivinho exagerou na força e Duda teve de sair da posição para aparar o chute. Foi aí que a coisa aconteceu. Até os maiores craques um dia pisam na bola. Ele sabia disso. Nessa manhã, chegou a vez dele. Num momento estava com a situação dominada. No instante seguinte viu-se de cara no chão, com os pãezinhos esparramados a uns cinco metros e a garrafa espatifada, exalando aquele cheiro de cachaça barata.

A primeira decepção provocada pela catástrofe foi futebolística. Não foi fácil aguentar as gargalhadas do ruivinho lá em cima. Era humilhação demais estar ali de quatro e ainda engolir o quá-quá-quá daquele desgraçado. Será que ele nunca tinha errado um chute? Quem ele pensa que era? O Pelé, por acaso?

Depois, aos poucos, Duda foi tomando consciência de uma desgraça maior. Recolher os pães não representou grande dificuldade. Só precisou tirar uns ciscos de um ou outro e enfiá-los novamente no saquinho.



De repente, Duda viu-se de cara no chão, com os pãezinhos esparramados e a garrafa espatifada.